

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

| Preços da assignatura                       | Anno<br>36 n.ºs | Semestre<br>18 n.ºs | Trim.<br>9 n.ºs | N.º<br>&<br>entrega | 4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 105 | REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO<br>LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA   |
|---|-----------------|---------------------|-----------------|---------------------|--------------------------------|--|
| Portugal (franco de porte, moeda forte)     | 5800            | 1800                | 500             | 5120                | 21 DE NOVEMBRO 1881            | Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.<br>É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83. |
| Possesões ultramarinas, (idem).....         | 4000            | 2000                | 500             | 5120                |                                |  |
| Estrangeiro (união geral dos correios)..... | 5000            | 2500                | 500             | 5120                |                                |  |
| Brazil (moeda fraca).....                   | 15000           | 7500                | 500             | 5120                |                                |  |

## AVISO

É nosso correspondente na cidade do Pará o sr. Alberto E. de Campos Antunes, a quem devem ser dirigidos todos os pedidos de assignaturas, para o 5.º anno do OCCIDENTE, 1882, do almanach e mais obras publicadas pela empresa do OCCIDENTE.

## SUMMARY

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVARIO LOBATO — O Terremoto de Lisboa no 1.º de novembro de 1755, BRITO REBELLO — As nossas gravuras — Tenda-barraca annexa ao Hospital Estephania, XAVIER DA CUNHA — A exposição nacional de Milão, R. — Notas soltas, Bom bispo e boas ovelhas, JACINTHO PERES — Sapatos de defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

**GRAVURAS.** — Conselheiro Barão de Aguiar de Andrade Novo Ministro Plenipotenciario do Brazil em Lisboa — O Novo Ministerio Portuguez, Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, Antonio de Serpa Pimentel, José de Mello Gouveia, Thomas Ribeiro, Julio Marques de Vilhena, Ernesto Rodolpho Hintz Ribeiro — Lisboa, Tenda-barraca, annexa ao Hospital Estephania, Interior da Tenda-barraca, annexa ao Hospital Estephania, Tenda ambulancia, existente no Hospital Estephania — Enigma

## CHRONICA OCCIDENTAL

A nossa politica cada dia nos offerece novas surpresas, originaes fantasias. Quando se julgou ingenuamente *qu'il faut tirer l'echelle* e que a excentricidade imaginosa dos nossos governos disse a sua ultima palavra, apparece um facto novo, extraordinario, funambulesco, que deixa a perder de vista todos os outros.

D'esta vez é um ministerio que está em dictadura, que faz uma camara sua com uma maioria que quasi toca as raias da una-

nimidade, e que um bello dia, cae sem mais nem mais, sem ninguem saber porque. E' verdade que tambem, ninguem sabe muitas vezes por que os ministerios se põem em pé.

O ministerio passado, que no fim de contas não é passado, cahiu assim de chofre. de repente, como se o fulminasse uma apoplexia.

E apesar das originalidades da nossa politica essa queda deixa toda a gente estupefacta.

No dia immediato o ministerio, e agora permitam-me uma imagem muito mimosa — renascia como a Phenix das suas proprias cinzas.

Mas renascia em parte simplesmente, e ao passo que da fogueira soprada pelo sr. Fontes se erguiam tão real e perfeitamente como estavam nas secretarias das Obras Publicas e da

Marinha o sr. Hintz Ribeiro e o sr. Julio de Vilhena, outros havia que se faziam em torresmos na fogueira, sem esperanza de tornarem a deixar de sêr isso.

E aqui tem como do ministerio velho se fez um ministerio novo, como o ministerio novo é velho, como a situação actual é a situação passada, como a situação passada é a situação actual,

E' uma trapalhada que parece uma peça de Hennequin.

Tratemos portanto de dar uma idéa clara, precisa, intelligivel da crise politica.

Os senhores tem tido de certo casacos velhos, cheios de cebo, constellados de nodos. O que lhes fazem? Pegam n'elles, levam-n'os ao alfaiate, o alfaiate vira-os, tira-lhe as nodos

com benzina, muda-lhes as algibeiras, põe-lhe gola e canhões novos, e o casaco fica novinho em folha.

No fim de tudo não é novo, porque é o velho, mas não é o velho, porque é novo.

Com o ministerio deuse exactamente a mesma coisa.

A crise foi o alfaiate, e o sr. Fontes a Benzina.

Os bolsos virados foram os srs. Julio de Vilhena e Hintze Ribeiro.

— A respeito d'esses bolsos lembra-me uma historia applicada por Aurelien Schöll.

N'um romance de Ponsou du Terrail havia um folhetim palpitante de interesse que acabava assim.

«O povo agglomerava-se na praça de Greve, para assistir ao supplicio da feiticeira.

«O cadafalso estava armado. O algoz e os seus ajudantes agarraram na miseravel creatura, amararam-na ao poste e deitaram fogo á fogueira. Um espesso fumo rodeou em breve o cadafalso. As chammass elevaram-se em espiraes rubras até á altura das casas visinhas illuminando vistosamente a praça.

«A feiticeira soltava urros terriveis.

«Ao cabo d'uma hora só se via um immenso brazido coberto de cinzas. Do poste da supplicada não restava o menor vestigio.



CONSELHEIRO BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADE  
NOVO MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO BRAZIL EM LISBOA  
(Segundo uma photographia de Alberto Henschel & C.º)



«Pois bem! Essa MULHER NÃO ESTAVA MORTA!»

Fazendo investigações serias, reconhece-se... facilmente que os actuaes ministros das obras publicas e da justiça descendem fatalmente da feiticeira de Ponson de Terrail.

— Agora a serio, o ministerio actual não é melhor nem peor que os outros ministerios que nos tem governado, e é esse o seu defeito. O seu, e o de todas.

No gabinete actual ha homens de grande merecimento, talentos provadissimos, mas que já lá tem estado por mais vezes. O paiz um pouco sceptico já, espera os actos do novo governo receiando muito que esses novos actos, sejam a *reprise* dos actos velhos.

— No dia 13 do corrente inaugurou-se em Lisboa um novo estabelecimento pio que se deve exclusivamente á iniciativa civilisadora e caridosa de S. M. El-Rei D. Luiz, os *albergues nocturnos*.

Os *albergues nocturnos* são uma instituição perfeitamente moderna que tem por fim dar guarida a todos os desamparados, que sem abrigo, sem casa, sem familia, eixam-se ás noites as praças publicas, os beccos, os pateos desertos, dormindo sobre os bancos, nas escadas, dentro dos canos da companhia das aguas, — onde ha pouco tempo a policia uma noite descobriu na rua do Telhal, quando ali se faziam as obras do encanamento.

Essa população miseravel, esses numerosos hospedes do grande Hotel de la *Belle Etoile*, tem finalmente uma porta que se lhes abra, alta noite, quando o vento sopra pelas ruas e o frio gera pneumonias.

Os *albergues nocturnos* é o primeiro olhar lançado pelos poderes publicos para a miseria que se arasta pelas ruas. Veiu d'alto esse olhar e oxalá que sirva de salutar exemplo.

A' voz do rei de Portugal correram varios capitalistas. A commissão organisadora formou-se tendo por presidente o sr. Monteiro, um riquissimo proprietario, e por secretario o sr. dr. Luiz Jardim um homem de grande intelligencia, um professor illustre, que tem tomado a peito a causa da instrucção popular, e á actividade zelosa e boa vontade intelligente de quem se deve, em grande parte, a rapidez com que a ideia benéfica de sua magestade el-rei D. Luiz foi tão depressa posta em pratica.

O rei pensou nos pobres e deu-lhes um asylo onde encontram todas as noites o agasalho. Os governos que pensam agora nos vadios, nos *malandros*, n'essa enorme tribu de ociosos que empregam o seu tempo em dar facadas, em roubar relógios, em insultar mulheres em promover desordens, e que se alastra por toda a cidade, fazendo quartel general nos botequins da Mouraria, e nas espeluncas do Bairro Alto; os governos que façam uma legislação especial para elles, que criem penitenciarias agricolas, officinas escolas, onde elles aprendam a ser homens para honra sua e tranquillidade nossa; os governos que estudem a reforma penal, que aprendam com a Inglaterra a colonisação para os criminosos, que ponham os olhos na Australia industrial e florescente, que procurem os meios de transformar essa cohorte monstruosa de gatinos e faulistas, que pelos bancos da Boa-Hora e pelas salas geraes do Limoeiro andam a fazer a terrivel aprendizagem dos grandes crimes, n'uma raça viril e forte que vá fazer no solo fertil, enorme e deserto da nossa Africa o mesmo que fez na Australia a tribu de vadios e criminosos que em 1788 partiu de Inglaterra para Botany-Bay.

E o governo que tratasse d'isto seriamente, que desse ao estudo d'este grande problema das classes perigosas metade do tempo que dá a montagem da machina eleitoral, poderia talvez morrer ante os nossos parlamentos, mas viveria com certeza na historia.

E' verdade que a elles importa-lhes pouco isso.

— E' incalculavel, é mesmo assustador, o numero de pianistas que ha um tempo a esta parte tem cahido sobre Portugal.

Relancemos simplesmente o olhar por estes dois mezes. Essipoff, Luiza Leonardo, Ru-

binstein, Pfeiffer, Rey Collaço, Lorenie, e já está annunciada a proxima chegada de Sophia Menter.

Safa! Como o piano se tem vingado de todos os epigramas dos folhetinistas! E' implacavel! O sr. Rey Collaço o penultimo da lista, e o ultimo que por enquanto se fez ouvir em publico, é um nosso compatriota nascido na Algeria, creio eu, e discipulo do conservatorio de Madrid.

E' um rapaz sympathico e distingue-se da maioria dos pianistas, pela correção minuciosa da sua execução, e pela modestia excepcional do seu porte.

Toca primorosamente, reune á execução o sentimento, o que faz d'elle um artista de primeira ordem, e no concerto que deu no theatro de D. Maria, teve a habilidade de atrahir uma enchente, só com o seu piano, e de arrancar applausos ruidosos ao publico, applausos que elle recebeu com uma modestia, com que poucos artistas costumam mesmo receber as grandes pateadas.

— Na semana passada houve um leilão que foi pouco concorrido em Lisboa, onde o leilão do *Petit-Diable*, e o leilão d'uma mercearia do Chiado, tiveram *quene* á porta. Compreende-se. O leilão era dos quadros do fallecido pintor Anunciação.

Venderam-se paisagens e quadros de animaes, e gravuras por preços baratissimos.

Deve porém notar-se que esses quadros não eram as obras primas de Anunciação. Entretanto havia alguns de muito merecimento e em summa todos elles tinham o nome do illustre artista, o que lhes devia dar grande valor.

Em Lisboa porém dá-se pouco valor aos nomes escriptos em telas, ou em livros: para elles terem valor é necessario que sejam escriptos em letras de cambio.

— E agora duas palavras de theatro. O Gymnasio deu o *Divorcous* de Sardou traduzido por Pinheiro Chagas. Ainda não podemos ver a peça, mas podemos já certificar que a comedia e a traducção tiveram um verdadeiro successo.

S. Carlos continua a dever as suas unicas noites d'entusiasmo á sr. Donadio. Esta formosa artista teve uma merecida ovação na *Sonambula* cujo rondó canta deliciosamente. O tenor Delilliers e o baixo Navarini, n'esta opera deixaram a desejar.

Depois d'escripta esta chronica cantou-se o *Hamlet*, na noite de 19. A opera de A. Thomaz foi um verdadeiro e legitimo successo para a sr.<sup>a</sup> Donadio e para o barytono Kaschmann. Desde o principio da epocha o grande valor de Kaschmann estava só na traducção. No palco o barytono parecia-nos melhor que os seus companheiros, mas um artista vulgar. No *Hamlet* o seu grande valor appareceu pela primeira vez no palco. Cantou e representou como um artista de primeira ordem, como um grande artista e o publico surprehendido fez-lhe ruidosa ovação.

O *Hamlet* teve pois um desempenho notavel por parte de Donadio e de Kaschmann.

Oh! se a companhia de S. Carlos fosse toda assim que bom que era para a empresa e para nós.

GERVASIO LOBATO.

## O TERREMOTO DE LISBOA

NO 1.º DE NOVEMBRO DE 1755

Em outra carta diz Baretti o seguinte:

«Hontem á noite lançando ao acaso os olhos sobre um livro portuguez, e vendo no seu frontispicio que tinha sido impresso em Lisboa occidental, perguntei o que significava aquelle *occidental*, e responderam-me, que esta Lisboa que está assente sobre a margem direita do Tejo, é assim chamada para a distinguir de uma outra Lisboa que está da outra banda do Tejo e a quem os escriptores portuguezes dão

o apellativo de *oriental*<sup>1</sup>; logo me acrescentaram que *in diebus illis* a cidade era toda do outro lado do rio: mas que com o andar dos annos julgou-se mais commodo habitar do lado de cá; d'esta maneira se foi fazendo pouco a pouco esta grande Lisboa, que, antes de ter sido destruida pelo terremoto, devia ser uma coisa estupenda, e a antiga Lisboa de lá do rio pouco a pouco se reduziu a quasi nada.<sup>2</sup>

«Este *quasi nada* me apressei de ir ver, e por isso esta manhã cedo metti-me n'um bote de dois remos e em menos de uma hora cheguei alli.

«Ambas as margens d'este rio são bastante altas e pedregosas, mas a oriental, ou esquerda especialmente, é uma collina mais alta que a nossa dos Capuchinhos,<sup>3</sup> e a subida é tão difficil e aspera, que te faz suar até á medula dos ossos, quando o sol queima como hoje.

«Contudo a curiosidade, vós bem o sabeis irmãos, seria capaz de me fazer andar descalço por sobre os tojos, quanto mais ao sol. Verdade é que por este lado a curiosidade teve pouco pasto, porque aquella Lisboinha (*Lisbonnzza* diz o original) apenas contem duas aldeas de nenhuma importancia, uma que se chama *Almada* e outra *Cacilhas* (*Castiglo* diz o original por erro evidente). Em Cacilhas não se vê coisa digna de nota, salvo os fracos restos de uma pequenissima roca situada sobre um viso muito alto, e que o terremoto devia ter pouco trabalho em demolir.

«Em Almada visitei um pequeno convento de Dominicós chamado S. Paulo, cujas paredes são interiormente cobertas de azulejos, lucentes e pintados de flores azues, que só o velas faz refrescar. Este convento já não tem egreja, que foi derribada de um golpe pelo terremoto, matando um frade que celebrava a missa, com todas as pessoas que n'ella estavam, sem salvar-se uma só. O frade que me acompanhava, disse-me que de sob as ruínas foram extrahidos os cadaveres de mais de cento e cincoenta mulheres, todas despedaçadas, sem contar os homens que apenas chegavam a vinte; coisa credibilissima, porque por toda a parte os homens são muito menos inclinados á piedade, e muito menos cuidadosos da sua eterna salvação, do que as mulheres. E nós, homens, podemos dizer o que quizermos, mas, fazendo justiça, é certo que as mulheres pela bondade de animo e virtude, se avisinham tanto do caracter dos anjos, quanto os homens se approximam ao de certos pontudos, unglados, e rabudos sujeitos, que por delicadeza não quero nomear.

E depois de fazer aqui uma longa divagação muito grande ao sexo feminino, continua: «Mas voltemos a Lisboa oriental. O derrocamento da egreja d'Almada tornou aquella aldeia pobrissima de habitantes. O convento ficou firme, e não fez companhia á egreja, de modo que nenhum dos frades morreu, senão o supramencionado e um leigo.

«Das janellas d'este pequeno convento gozam-se as vistas mais bellas do mundo, que de uma parte lhe ficam toda Lisboa nos olhos, e Belem, e o rio e o mar, e infinitos navios, e as diversas fortalezas que defendem a fez de Tejo; e da outra bellissimas collinas verdejantes e bem cultivadas, vista que, segundo o meu parecer, se avanta e muito ao famoso promontorio, de que vos escrevi já, chamado Edgecumbe, proximo de Plymouth, em Inglaterra. Apagada a minha curiosidade a respeito da Lisboa oriental, desci a collina, voltei ao bote, e fiz virar a proa ao hospital inglez que está na mesma margem do rio, mais abaixo para a banda do mar.»

<sup>1</sup> Que bons informadores tinha Baretti, que lhe respondiam com acuracia d'este estylo. Toda a gente sabe que em tempo de D. João V Lisboa foi dividida em dois arcebispados, pelo qual se contrahia na hoje praça do Principe Real, uma igreja patriarchal, e assim a diocese d'esse lado era a occidental, e a que tinha a sua sede na antiga Sé era a oriental, que mais tarde foi extincta reunindo-se ambas em um patriarchado.

<sup>2</sup> Continuam as boas informações dos holandeses e inglezes!

<sup>3</sup> Podéra! se então pouco era, e ainda hoje não tem feições de cidade.

<sup>4</sup> Collina perto da Turin, assim chamada, por causa de um convento d'aquella ordem que a côns. (Nota do original).



Em outra carta, falando Baretti das reconstruções da cidade, faz as seguintes relações e reflexões:

«O rei de Portugal faz construir uma casa sobre a margem do Tejo, justamente deante do seu palácio que tão forte era, e que apesar d'isso foi desconjuntado e asperamente derribado pelo terremoto. Esta casa deverá servir de arsenal quando estiver acabada. Imaginae que senhora casa deve ser. Poder-se-hiam n'ella alojar.

*Garamanti, Numidi, Africa, e il mondo* (2).

Se muitos dos seus compartimentos fossem convertidos em sala de baile, todos os gigantes sonhados por D. Quichote poderiam em cada uma d'ellas dançar uma contradança com todas as fadas que andavam no conselho de Demogorgone; e, quando a cavallaria errante voltar a ser moda, poder-se-ha fazer uma bellissima justa, ou um magnifico torneio em uma das suas salias terreas, que é agora destinada á construcção dos ainda maiores navios de alto-bordo. Uns são telheiros para os calabres, outros para as cavernas, outros para os mastros e antenas suas irmãs, estes para o pez e alcatrão, com os quaes se lava a cara a toda a especie de barcos; em summa aqui se encontram distinctos apartamentos para toda a geração de aparelhos marítimos. Os portuguezes dizem que a esta casa só faltará o dinheiro para acabal-a, e os inglezes acrescentam, que acabada ou não, será sempre uma casa para alugar, porque ajuntando dois ou tres dos principaes arsenaes britannicos apenas se faria uma mole tão vasta como este. Mas digam elles o que disserem, ella está construida para estar a melhor par de pernas que uma pessoa tem, a fim de visital-a toda. Eu fui lá juntamente com My Lord Kinnoul, embaixador extraordinario da Gran Bretanha aqui. Com Sua Ex.<sup>a</sup> ia uma elegantissima dama, sua cunhada, a qual, pela gente do arsenal era tratada, quando passava, pelo modo como os nossos aldeãos reverenciavam a Virgem Maria, isto é, com uma pequena, mas devota genuflexão.

«E' coisa singular, ver como os portuguezes honram em publico as damas que lhes não pertencem, mas, segundo me contam, quando as pobresinhas caem no seu poder, por casamento, as tratam geralmente muito mal por ciúmes; e dos seus zelos tenho ouvido historias que fazem arripiar.

E aqui torna Baretti com uma longa divagação sobre os homens e as mulheres, maneira de tratamento entre casados e o que se passa entre estes na Inglaterra, seu paiz querido, e continua:

«Mas o caracter dos maridos e das mulheres portuguezas me tirou do arsenal, onde estava com aquella gentil dama, com o embaixador Kinnoul, e com uma numerosa comitiva, e ao qual vou tornar para dizer-vos que um dos seus lados é sustentado por um portico muito alto, muito largo, e muito extenso destinado a servir de bolsa aos commerciantes. A'quella bolsa, assim como a todo o edificio calhará um dia perfectamente, por mote este verso:

*Apparent rari nantes in gurgite vasto,* 3

«Em frente d'ella estarão os estalleiros; e muitas esquadras serão algum tempo creadas aqui; e eis um povo de operarios de toda a especie, de trabalhadores e de escravos que se afadigam para acabar aquella casa.»

No dia seguinte da sua chegada a Lisboa assistiu Baretti a uma tourada, que descreve lindamente, e no fim da descripção encontra-se o curioso trecho seguinte:

«Não quero porem deixar esquecido o melhor capitulo d'esta bella historia, e é, que depois da morte do oitavo ou nono toiro, levantou-se um grandissimo rumor no amphitheatro, da parte

onde estava o rei. A gente começou a arrojarse por centenas das trincheiras para a estacada, com grande precipitação, como se todo aquelle edificio de madeira começasse a arder, e todos corriam para o meio da arena.

«Os que estavam da parte opposta, onde eu estava, entraram a gritar, perguntando a causa d'aquella repentina balburdia. E o estrondo dos que se arremessavam ou eram lançados na estacada d'uma parte, e a berraria da outra, dos que queriam saber porque os outros faziam tanto barulho, era tamanho, que na casa das almas condemnadas talvez não se sintia metade do ruido que alli se sentia. E quem perguntava, fazia bem de perguntar, e quem respondia fazia bem de responder, que nem todos os trovões dos Alpes e da Cordilheira se teriam em tal occasião podido ouvir.

«Aquella espantosa barulhada durou um quarto de hora, e se não fossem os movimentos que o rei fazia com o leque para aquietar o immenso tumulto, e se a rainha e as suas princezas não houvessem lançado o corpo muito fóra do camarote, para acenarem com a mão á gente que se acalmasse, não sei como tal barafunda teria acabado.

«Finalmente entrou a saber-se que alguns dos que estavam no amphitheatro haviam gritado *Terramoto*, e essa voz, hoje tremendissima aos portuguezes, fez com que todos se atirassem furiosamente para fóra das trincheiras com medo de que toda a fabrica de madeira com todas as pessoas que estavam nos camarotes lhe caisse em cima e os amachucasse como bolos.

«Não tardou muito que se não soubesse que aquelles gritos foram levantados por alguns gatunos, que tendo com o seu grito *Terramoto* posto o povo repentinamente em sobressalto, furtaram muitas coisas deixadas, com a pressa, sobre os bancos pela turba aterrada. Ouviste já, irmãos, um lance mais fino, mas audaz, mais desesperado que este? Que almas de scelerados se encontram n'este Portugal! Commetter uma rebaldaria d'esta especie sob os olhos d'um rei e d'uma nação, que mais se póde fazer? Certo os ratoneiros lusitanos não podem ser tachados de pouco espertos. Voltou cada um ao seu logar e quem não quebrou membro algum e quem não perdeu qualquer objecto na balburdia, riu-se muito do seu proprio terror e do alheio; e todos socegados deixaram continuar a festa...»

Este ultimo successo mostra o terror que o terremoto deixou impresso no animo dos lisboetas, terror que se tem tradicionalmente communicado de geração a geração.

BRITO REBELLO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### O CONSELHEIRO BARÃO DE AGUIAR DE ANDRADE Ministro Plenipotenciario do Brazil em Lisboa

O novo ministro plenipotenciario do Brazil, que veio substituir em Lisboa o falecido barão de Japurá, é o sr. conselheiro Barão de Aguiar d'Andrade, que estava representando o Brazil em Vienna d'Austria e de quem o Occidente dá hoje o retrato.

E natural de S. Paulo e começou a carreira diplomatica, como addido á legação do Brazil nos Estados Unidos em 1857. D'alli a tres annos foi nomeado secretario d'essa legação, cargo que por vezes já exercera provisoriamente na ausencia do ministro plenipotenciario, barão do Penedo, cuja ausencia, pouco depois, tambem o fez estar algum tempo encarregado de negocios.

Em 1861 elevado a 1.<sup>o</sup> secretario o sr. Aguiar de Andrade foi transferido para a legação brasileira em Londres, e promovido a encarregado de negocios em 1863 foi mandado d'Inglaterra para a Venezuela e Nova Granada, d'onde, depois de ali viver tres annos, foi transferido para o Chile, sendo em 1871 nomeado ministro residente, cargo em que foi enviado em 1873 á republica oriental do Uruguay.

Diplomata muito illustrado tendo-se sempre desempenhado com muita honra de todos os seus cargos, Aguiar d'Andrade teve na guerra do Paraguay occasião de se pôr em evidencia e de conquistar um nome brilhante na diplomacia do Brazil.

<sup>1</sup> Cadeia de montanhas altissimas da America meridional (Nota do original.)

<sup>2</sup> Certo, que um italiano tem muito que se espantar de taes lances, esquece a Calabria, os abruzzos etc. etc.

Foi elle que conseguiu com a sua finura e o seu apurado tacto, consolidar a paz, e esse importantissimo serviço prestado ao imperio valeu-lhe o titulo de barão, e a promoção a ministro plenipotenciario.

Em 1878 o governo do Brazil tendo em consideração os seus relevantes serviços e o seu provadissimo merito transferiu-o para a Europa, enviando-o como ministro plenipotenciario á corte brilhante de Vienna d'Austria. É d'alli que o fallecimento do barão de Japurá o fez transferir para Lisboa.

O sr. conselheiro barão de Aguiar de Andrade é pois uma das illustrações do Brazil, um diplomata distincto, um homem de alta intelligencia e de finissima educação, um cidadão notavel do imperio que entre nos representa.

II.

### O NOVO MINISTERIO

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO, presidente do conselho, ministro da fazenda, e interino da guerra.— Não pensamos sequer em fazer aqui a biographia dos novos ministros e muito menos do sr. Fontes, cuja vida se acha intimamente ligada com a historia politica d'estes ultimos trinta annos.

O sr. Fontes Pereira de Mello é um dos primeiros estadistas portuguezes, e se no enthusiasmo quasi fanatico dos seus partidarios ha muito de exagero, a violencia das aggressões dos seus adversarios politicos mostram bem o muito que elle vale.

O sr. Fontes, chefe do partido regenerador e presidente da Camara dos Pares, tem sido muitas vezes presidente do conselho, e ministro da fazenda, pasta que retoma agora e que nos ultimos ministerios a que tem presidido tem sido occupada pelo sr. Antonio de Serpa Pimentel.

THOMAZ RIBEIRO, ministro do Reino.— Um poeta distinctissimo, e um talento brilhante e um dos homens de letras mais notaveis do nosso paiz. É director geral do ministerio da Justica, e na situação passada por sacrificio ao partido, accitou o logar de governador civil do Porto.

No ultimo gabinete—Fontes—foi ministro da Marinha. É a segunda vez que vae aos conselhos da coroa. Tem sido muitas vezes deputado, e um orador notavel e ainda na ultima sessão pronunciou um discurso muito apreciado e a resposta a um discurso tambem notavel do sr. Antonio Candido, então deputado progressista.

O sr. Thomaz Ribeiro publicou ultimamente um interessante livro sobre o empréstimo de D. Miguel, e estava fazendo uns importantes e curiosos estudos sobre as luctas da liberdade, estudo que a sua nomeação de ministro veio interromper.

JULIO MARQUES DE VILHENA, Ministro da Justica.— Era ministro da marinha do gabinete demissionario e quando então foi chamado pela primeira vez aos conselhos da coroa, publicamos no OCCIDENTE o seu retrato e uns ligeiros apontamentos biographicos. (Vide OCCIDENTE n.<sup>o</sup> 83).

HINZ RIBEIRO, Ministro das Obras Publicas.— Occupava a mesma pasta no ministerio transacto (Vide OCCIDENTE n.<sup>o</sup> 83).

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL, Ministro dos Estrangeiros.— O sr. Antonio de Serpa, o ministro da fazenda do ultimo gabinete Fontes, é um homem illustradissimo, e um caracter honrado e leal. Pessoalmente tem numerosas sympathias em Portugal onde a sua familia é uma das mais respeitadas e respeitaveis. O sr. Serpa Pimentel, é não só um homem politico muito apreciado, mas tambem um homem de letras distincto e ainda ultimamente publicou um curioso e bem feito estudo sobre Alexandre Herculano.

Na sua mocidade foi poeta e poeta muito apreciado então no tempo das zucas e solaus.

Na camara o sr. Serpa não é um orador brilhante, mas falla muito correctamente, com muita precisão e facilidade. Apesar dos seus estudos terem sido dirigidos especialmente para o campo das finanças, o sr. Serpa Pimentel publicou pelo tempo da guerra do Oriente, um folheto, a *Questão do Oriente*, em que analisa com muita lucidez as mais altas questões da diplomacia europea.

Delegado do governo portuguez em Paris, para negociar o tratado do commercio, o sr. Serpa Pimentel foi chamado por uma carta d'El-Rei para vir tomar a pasta dos Estrangeiros no actual ministerio.

JOSÉ DE MELLO GOUVEIA, Ministro da Marinha.— Nasceu em 12 de dezembro de 1815 e é filho de D. Maria Fortunata de Mello Gouveia e de José de Mello Gouveia o ministro da marinha do novo gabinete.

Muito novo ainda foi perseguido e preso nas luctas de D. Miguel, por ser filho d'um homem reconhecido adverso á causa absolutista.

A sua carreira politica começou em 1845 sendo despachado official maior do governo civil de Coimbra, occupando depois o logar de secretario geral de Villa Real, governador civil de Leiria, de Vianna do Castello, de Vizeu e do Porto, logar de que não tomou posse por set dias depois nomeado ministro da Marinha pelo gabinete presidido pelo sr. Duque d'Avila (1870). No anno seguinte geriu tambem interinamente a pasta da justica. Em 1877 quando esta o gabinete regenerador, o sr. José de Mello Gouveia, que fazia parte do grupo avillista, entrou de novo no poder, com o sr. Duque d'Avila, gerindo a pasta da Marinha e mais tarde a da Fazenda pela saída do sr. Carlos Bento.

O sr. Mello Gouveia foi deputado em muitas legislaturas depois de 1818, em que pela primeira vez entrou na camara, e em Janeiro de 1880 foi elevado ao parato.

<sup>3</sup> Metastasio.

<sup>4</sup> Arloto.

<sup>5</sup> Muito espertos e espietas eram estes inglezes, informadores de Baretti.

<sup>6</sup> Naturalmente os nossos amigos inglezes ou hollandezes.

<sup>7</sup> Como se vê Baretti, ou os seus informadores tomaram pelo arsenal, tudo o que comprehende este edificio, a praça do Commercio e a Alfandega. O seu Juizo sobre a immensidade do Arsenal, faz um bom contraste com a acanhada que hoje lhe julgamos.



## TENDA-BARRACA

ANEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

## I

As academias scientificas são como as sociedades politicas — offerem alternativamente phases de lethargia e de renascimento. Ha n'ellas, como nas praças commerciaes para a cotação dos fundos, periodos de alta e de baixa.

Na Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, fundada ha perto de meio seculo, tem-se por mais de uma vez verificado e registado esse phenomeno.

O anno academico de 1871 a 1872 foi para aquella notavel associação um verdadeiro periodo de exuberante vitalidade, — periodo assombroso em manifestações de talento e de erudição, de eloquencia e de fino criterio, — periodo altamente fecundo em resultados praticos d'ahi derivados.

Influenciado por esta febre de phrenetico enthusiasmo que lhe cobrio desde os nossos bons tempos de condiscipulato na Escola Polytechnica, — phrenetico enthusiasmo que, chegado uma vez a assechorear os grandes espiritos, nunca mais lhes consente folga, sempre que se trata de dar largas ao amor do estudo e ao fervoroso empenho pelo progresso scientifico, — João Ferraz de Macedo, que é desde o começo do seu tirocinio profissional



ANTONIO MARIA FONTES PEREIRA DE MELLO  
(Presidente do Conselho de Ministros, Ministro da Fazenda e Interior da Guerra)



ANTONIO DE SERPA PIMENTEL  
(Ministro dos Estrangeiros)



JOSÉ DE MELLO GOUVEIA  
(Ministro da Marinha e Ultramar)



THOMAZ RIBEIRO  
(Ministro do Reino)



JULIO MARQUES DE VILHENA  
(Ministro da Justiça)



ERNESTO RODOLPHO HINTZ RIBEIRO  
(Ministro das Obras Publicas)

ploraveis dos nossos hospitais, bem como dos remedios com que urgentemente cumpria acudir-lhes, trazendo á tela dos debates uma proposta para a sociedade estudar com applicação ao nosso paiz o novo systema de hospitalisação, tão preconizado já no estrangeiro, e publicando simultaneamente nas paginas do *Correio Medico de Lisboa* uma formosa memoria sobre as tendas e barracas hospitalares.

Admittido está hoje sem contestação, por todos os hygienistas, que os edificios destinados ao tratamento dos enfermos, — depois de havrem servido para esse mister durante um certo periodo, acabam por perder as condições que primitivamente possuíam de salubridade, e tornam-se altamente improprios para o fim desejado.

Sabido é de todos, quantos se dedicam a este importante ramo de investigações scientificas, que existem certas doenças (affecções zymoticas, contagiosas e infecto-contagiosas), cujo permanente predomínio em edificios construidos desde muito e normalmente habitados por grande numero de individuos (taes como os dormitorios dos quartéis, as enxovias das prisões, as enfermarias dos hospitais, etc.), souba por causar desastrosos resultados.

Assim se explica pela infecção inherente ás enfermarias de hospitais, sobre que tenha decorrido um periodo de annos superior ao que hygienicamente convém, — assim se explica inclusivamente pela infecção inherente ao solo em que esses hospitais se acham construidos, — assim se explica a justa denominação que lhes cabe de *apogues de carne humana*, assim se explica, a espantosa percentagem de mortalidade que esses hospitais apresentam nas suas estatisticas, assim se explica o phenomeno que os medicos dolorosamente verificam de se

complicarem doenças essencialmente benignissimas ou de ficar comprometido o exito de operações cirurgicas, por mais simples que estas sejam e magistralmente desempenhadas!

Actualmente (como dizem F. Jager e E. Sabouraud, no seu magnifico *Estudo sobre os Hospitais-Barracas*), um hospital-monumento deve ser considerado nem mais, nem menos, que um *hospital-sepulcro*.

Ainda Paris não tinha completado a luxuosa construção do seu moderno *Hotel-Dieu*, e já por todas as bocas dos mais illustrados praticos a hygiene proclamava como um desperdicio medonho e lamentava tristemente os rios de dinheiro profusamente dispendidos n'aquelle monstruoso absurdo de marmore.

Substituir os hospitais-monumentos, de illimitada duração, por simples hospitais-barracas, de construção leve, pouco dispendiosa, pouco duradoura, e realisada segundo os rigorosos preceitos da hygiene, — significa um dos mais valiosos serviços que a humanidade enferma ficará devendo aos infatigaveis obreiros do seculo XIX.

A barraca-hospitalar, annexa ao Hospital Estephania, e representada hoje em gravura nas paginas do *Ocidente*, constitue um padrão de gloria para o professor Ferraz de Macedo, porque á perseverante iniciativa e subsequentes esforços d'este illustre clinico se deve originariamente a realisação d'aquelle beneficio hospitalar.

(Continua)

XAVIER DA GOMHA.

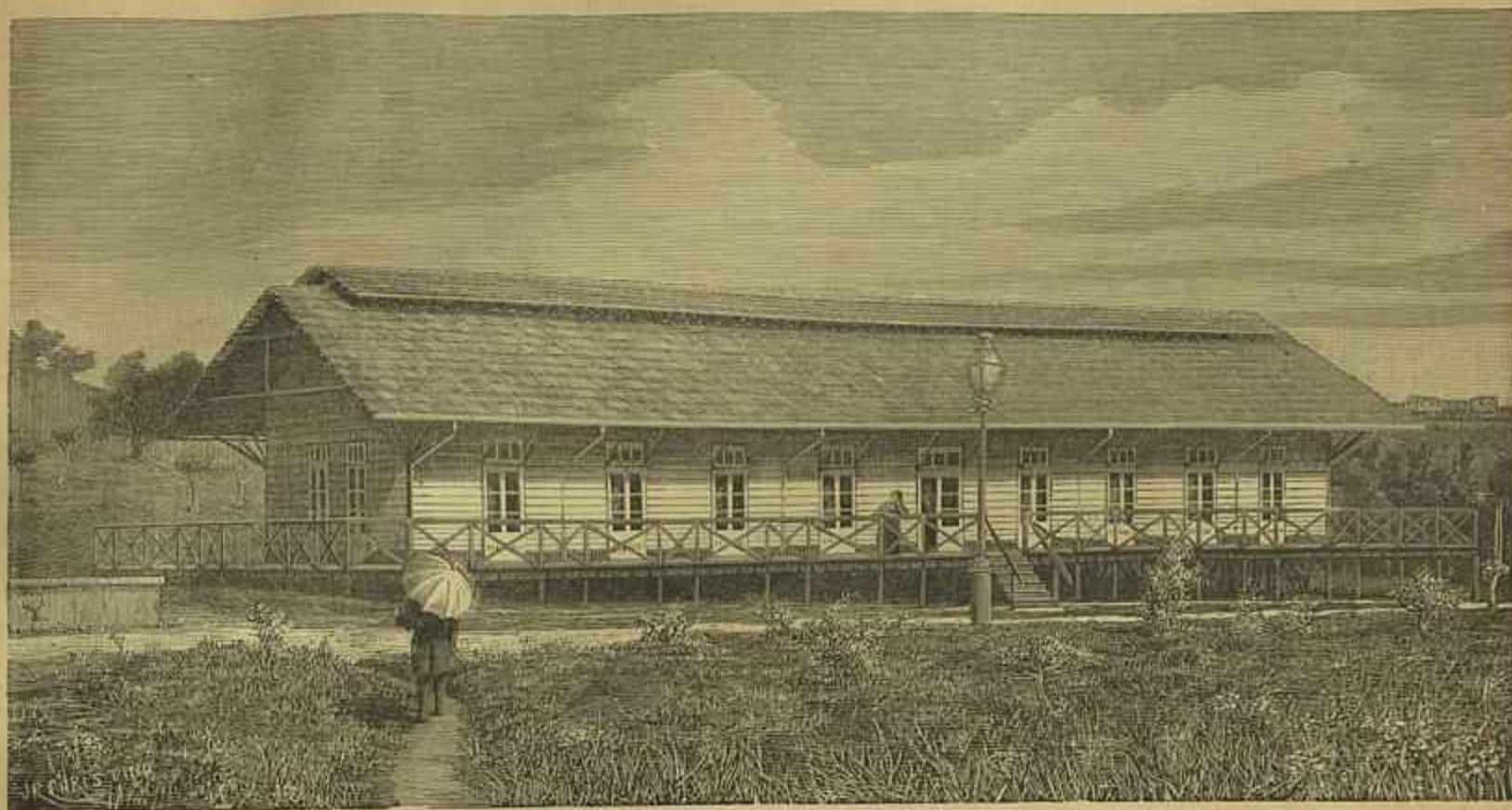
um dos mais distinctos clinicos do nosso *high-life*, o que ultimamente reuniu a essa condição as glorias de professor eximio na cadeira de clinica medica da Escola de Lisboa, — João Ferraz de Macedo foi quem provocou por aquella epocha, na supra-mencionada academia, uma interessante e calorosa discussão acerca das condições de-

## EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILAO

## X

Os vidros e crystaes occupam uma parte importante da exposição e apresentam uma feição muito notavel d'ella.





LISBOA — TENDA-BARRACA, ANNEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

Havia cinquenta e um expositores, mais trinta e dois que na ultima exposição de Paris. Notava-se allí que á Italia lhe faltava uma fabrica de crystaes finos; a exposição actual mostrou n'este ramo um progresso espantoso.

Comquanto a antiguidade conhecesse a industria do vidro levada a um grande apuro, e sendo nomeados os vasos etruscos, egypcios, hispanos, gallos, orientaes, é certo que os da Italia tambem se fizeram notar.

O dr. Salvati e a sociedade Venezia-Murano reproduziram esplendidamente os modelos antigos dando-lhe nova vida.

Domingos Bussolin desde 1838 produz filigrana de vidro no uso antigo, e apresenta um variadissimo sortimento de continhas de cores a que chamam *margaritina* e nós missanga, com que se fazem lindissimos bordados.

Agostino Ceresa, de Venezia tambem tem visto nas suas contas e perolas venezianas não só disseminaram-se pela

Europa, mas serem procuradas pelas damas da Asia e Africa para seu adorno. A variedade das suas formas e cores é grande, e comquanto pareçam ás vezes contrarias ao bom gosto, é porque os consumidores assim as preferem.

Francisco Ferro, que é um exemplo de perseverança, expõe vidros artisticos muito conhecidos, comquanto deixem ainda a desejar pelo lado artistico. Este industrial, natural de Murano, quando joven viajou por Italia como mestre vidreiro; uma doença inutilizou-o para a arte. Voltado a Venezia fez-se cicero dos viajantes para ganhar a subsistencia da familia, mas o seu intimo pediu-lhe outra coisa. Em 1862 abriu uma casa commercial de productos muranezes. Sorris-lhe a fortuna e elle queria fabricar. Auxiliado por alguns socios estabeleceu em 1871 uma pequena officina, e mais tarde ficou só com o filho. Em 1875 apresentava imitações de calcédonia; tres annos

depois ajuntava-lhe outros com imitação de opala; algum tempo depois apresentava os vidros esmaltados ou antes salpicados de ouro, ou prata já foscos, já transparentes. Não é ainda um modelo, mas é um exemplo.

Lourenço Rudi é um nome assaz conhecido pelos seus esmaltes de ouro e prata, e imitações de pedras. As medalhas tem coroado os seus esforços e habilidade.

A sociedade de mosaicos veneziana, que inclusivamente expoz um quadro de mosaico — *A familia do Satyro*, que se não é sans reproche é uma grande tentativa prometedora, tem sido premiada em 1877 em Napoles, em 1878 em Paris, em 1880 em Turim e até em Melbourne na Australia, na ultima exposição.

Os irmãos Toso de Murano com as suas taças e outros artefactos; Macedonio Caudiani de Venezia com os seus vidros encrustados de ouro e prata, e principalmente a Sociedade de fabricas unidas de Venezia estão bem representados.



INTERIOR DA TENDA-BARRACA, ANNEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

(Segundo photographias de Rochini)



Já fallamos dos espelhos da Bedendo, e competencia lhe fazem Tommasi e Gelsomini, com a sua exposição grandiosa de todos os productos da arte da vidraria veneziana, desde as caixinhas para phosphoros e cartas de visita até aos grandes quadros de mosaico.

Vejamos a exposição da «Società Vitraria Veneta Trentina de S. Giovanni Lupatolo» que emprega oitocentos operarios com uma produçào annual de 840:000 metros quadrados laminares ou lapidarios e 500:000 vasos, entre os quaes ha garrações que podem conter 12 hectolitros.

Deixando outros não se pôde prescindir de falar da exposição dos productos da fabrica Silvestre e Marcatili, de que apresenta um specimeno o n.º 12 do jornal da Exposição, e que pela variedade, belleza, bom gosto e perfeição de trabalho não empalidece perante as suas irmãs mais velhas da Franca e Bohemia. E contào as suas primeiras tentativas são do fim de 1877, e em tres annos tinha attingido aquelle grau de elevação de productos que é necessario hoje em dia, para que a industria nacional não succumba perante a estrangeira.

D'estes linamentos e ligeiros traços tiram exemplo os nossos productores, e reconheçam que a par do objecto barato, que pôde servir ao uso mais commum, é necessario o artefacto esbello, elegante, fino, gracioso que excite o comprador de gosto e lhe faça esquecer o producto estrangeiro.

O trabalho ou laboração dos diamantes podia vêr-se na galeria das pequenas industrias, n'um compartimento especial. Este trabalho é feito pelos operarios da casa Bonato de Veneza, cidade que desde tempos antigos goza de um justo renome com relação ás pedras preciosas. Como se sabe, durante a edação média, Veneza, então rainha do Adriatico, era o interposto commercial do Oriente para o Occidente; e por isso era ella quem disseminava os ricos artefactos e as pedras preciosas da Asia na Europa. As navegações dos portuguezes nos seculos xv e xvi arrancando á feroz perola do Adriatico o sceptro maritimo, tambem com elle lhe arrebataram o exclusivo do commercio da Asia.

Mais tarde vieram as minas da America; e Portugal, e Lisboa nomeadamente ergueo-se rainha dos mares, e tornou-se o colleiro e a feitoria da Europa. A especularia, o ouro, a prata, as gemmas, as perolas, as pedras preciosas e os diamantes, principalmente, por muito tempo deram alimentação ao torpor e inactividade nacional, ainda nos períodos do seu maior abatimento.

O que succedeu a Portugal, quando o desmembramento, a tomada da parte de suas colonias e o arriquilamento da sua marinha o deixou quasi moribundo, succedera a Veneza, quando o seu commercio e preponderancia maritima se afundaram.

Com quanto o poeta dissesse:

*La sulle sponde adriaca  
Giace una gran mendica  
Date a Venezia un obolo  
Dio ve lo renderà.*

o obolo trouzeram-lhe os seus proprios naturaes, cercando-o do seu amor, e applicando ao seu engrandecimento ou sustento todo o poder das suas faculdades.

Não se esta, mas muitas outras industrias alli se continuaram e progrediram.

Os diamantes apparecem na India, na Siberia e Brazil, mas hoje quasi que é este ultimo paiz quem abunda d'elles o mundo. Para a Europa entra a nossa antiga colonia cinco a seis kilogrammas, quaes maiores, quaes menores. O apparecimento de um diamante de notavel grandezza é celebrado pelos achadores com a exclamação: *seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo.*

O corte dos diamantes, já é bem conhecido, porque, ainda que hoje entre nós se tenham quasi extinguido os verdadeiros lapidarios, — o ultimo que conhecemos, o sr. Funesca, pae do nosso amigo sr. Ferreira Manso

falleceu ha proximoamente um anno, — tem sido descripto varias vezes. O que diremos é que presentemente apenas se praticam as operações do corte em rosa, para os diamantes pouco expostos e em brilhante para os mais grossos.

Na sala da Exposição viam-se diamantes de grande importancia por causa do trabalho do corte. Para se fazer idéa do valor d'estas pedras basta saber-se que os diamantes brutos, manclados ou corados, que se chamam de agua impura valem de cinco a sete mil réis o quilate, isto é um peso de 205 milligrammas, e apenas servem para reduzir a pó que se emprega na laboração dos bons; estas, ou de pura agua, valem em bruto de oito a nove mil réis o quilate.

O maior diamante — o *Regente*, — achado nas minas de Golconda pesava em bruto cento e quarenta quilates; a sua laboração levou dois annos a fazer, ficando no fim com cento e trinta e sete quilates: custou em bruto proximoamente cincoenta e seis contos e o trabalho do corte importou em cerca de vinte e dois. O duque de Orleans comprou-o por seiscentos e tantos contos e hoje attribue-se-lhe um valor de cerca de mil e quinhentos contos.

Não temos vontade nenhuma de o comprar, o que tinhamos era um grande desejo de o vender.

## XII

Passaremos por muitas outras exposições, taes como as de jornaes o livros, traços, estudos technicos e muitas outras para só fallarmos de duas coisas, uma pela sua esquisitez, e outra pela sua utilidade.

A primeira é a tendencia de muitos fabricantes para fazerem coisas que servem a muitos usos. No fim são objectos que não servem para nada, porque, como os relógios de repetição, estragam-se muito facilmente.

Por exemplo Vergent e Sartirana inventaram um chapéu cujo forro é uma charuteira, de maneira, diz uma espirituosa escriptora, que quem quizer offercer um charuto a um amigo, ha de apresentar-lhe o chapéu do mesmo modo que um mendigo, arriscando-se a que lhe deitam a sua estola.

O senhor Ghezzi expõe um honet de viagem que dobrando o do certo modo torna-se uma gravata; o mesmo apresenta um chapéu, o qual, quando se tira da cabeça transforma-se n'um barrete e é munido d'um bocal, pelo qual assooprando-se o barrete inclia, inclia e se converte n'uma almofadinha.

Baldi arranja um bengala que serve para quatro fins: bengala, porta-alfinetes, abotoador de lavas, e boqueta para perfumes.

Gilardi apresenta outra que ainda serve para mais usos; chapéu de sol, aperta-se-lhe o cabo é bengala, pucha-se por elle acha-se uma charuteira, aliro-se esta de um lado encontra-se uma caixa de phosphoros, e do outro lado tem a lixa para os accender. A espirituosa escriptora a quem nos referimos diz que á vista das dimensões que as sombrinhas tem tomado, ainda espera ter uma que lhe sirva para tudo quanto possa precisar.

Deixemos porém estas exquisites e vamos á exposição consular.

N'um compartimento da exposição do ministerio de agricultura e commercio vê-se o *Museu consular*. Neste museu comprehendem-se todos os objectos e relatorios enviados pelos diversos consules de Italia no estrangeiro, e que podem ser de alguma utilidade. Não é completa, mas já se fazem alli representar especialmente as fazendas usadas pelos malaios, que habitam desde a península de Malaca até Sumatra, Java, Borneo, etc.

Tanto essas como as da India-sinica são dignas de estudo e de attenção. Não são menos de cento e setenta e cinco exemplares de algodão, linho, seda, e até de casca de algumas arvores. Entre elles alguns de desenhos galantes e cores brilhantissimas.

Encontram-se fazendas com enfeites, onde se acham em-

Em cima, no patamar, estava a dona da casa, uma senhora que alugava quartos e chorava sem consolação a sua viuvez e os seus poucos meios.

Joanna perguntou logo pelo sr. conego Salgado e sem esperar resposta foi entrando por alli d'entro para não perder tempo.

De facto fora feliz e á resposta affirmativa da sua pergunta, ella não poude reprimir um suspiro de alivio seguido da seguinte exclamação:

— Ah! ainda bem!

O conego acabava de concluir n'aquelle instante as suas orações e estava guardando no gavetão da commoda o seu breviario.

Joanna surpreendeu-o no momento em que elle escancarava a bocca, e estendia os braços de uma maneira indolente, propria de homem, entorpecido mais pelos habitos da vida sedentaria, que pelos annos.

Ao ver a criada, o conego fallou-lhe logo de maneira familiar.

— Olá Joanna, tú por cá?

E dirigindo-se para a sua poltrona, continuou recostando-se commodamente e estendendo as pernas a seu gosto n'uma posição commoda e facil:

— Temos alguma novidade lá por casa? Então, o que queres tú?

— Prevenil-o d'uma cousa.

— Pois falla, mulher, que, pelo teu fallar, ninguém te leva preza.

pregadas na contibus ou perolas das fabricas de Murano, de que atraz fallamos.

Alli os traços feitos com essas fazendas, algumas das quaes são perfectamente imitadas na Hollanda e Suissa que exportam para aquellas regiões longinquas valores annuaes de alguns milhões de cruzados.

Sobre outra vidraga se lê: *Bombaim, Aten, Calcutta*, na qual se veem uma quantidade de casulos de seda no estado natural. Como se sabe em algumas partes da India o bicho de seda vive no estado selvagem, isto é nasce, cresce, fórma o casulo e reproduz-se sobre a amoreira. Já dissemos que tambem assim se produziram no nosso paiz, e nós proprio já tivemos alguns casulos criados ao ar livre em um nosso quintal.

N'outra parte veem-se productos do Tripoli e Tunisia desde as sementes e grãos de trigo, até aos ricos cintos femininos, entre os quaes havia um de coiro taniado de ouro, do mais bello gosto.

É digno de observar-se, estudar-se, e imitar-se este museu.

Nós já tivemos muitos objectos curiosos das nossas colonias, que na nossa meninice vimos com avidez, curiosidade e satisfação na chamada *Historia Natural* nos baixos da Academia Real das Sciencias.

Hoje está tudo isso disperso, graças aos nossos esperos reformadores. Julgam elles que tem feito uma grande obra, mas os lamentos de Cartilhac no seu relatório do Congresso de Antropologia, e por ventura as criticas de outros que não tivemos visto, devem servir de prevenção, para que não mais se esbanjem e dispersem os productos accumulados de muitas gerações, a pretexto de falta da logica ou de razão da sua permanencia em tal ou tal localidade.

Formemos museus muitos e vastos de diversas naturezas, embora se repitam os exemplares; n'isso não ha inconveniente, ha todo porém em que elles não existam; e já que temos tantas colonias e pela nossa emigração tantos interesses em toda a parte do mundo, formemos um *museu consular*, que nos deve ser de muita utilidade.

## XIII

Alguem reparou que dissessemos ser a exposição italiana fraca pelo lado da marinha. Quando assim fallamos, referimo-nos á marinha mercante ou de cabotagem, que se apresentou realmente pobreissima na exposição.

A marinha da guerra, bem como tudo o que se refere a esta sciencia, apresentou-se com a pujança propria d'aquella grande e prospera nação, ostentando todos os progressos que são universalmente conhecidos, quer nos seus poderosos vasos de guerra, inveja e dasperos das Ingleses, que tratam logo de os sobrepujar, quer nos engenhos e machinas de guerra, objecto do estudo constante dos sabios e militares italianos.

(Continúa).

R.

## NOTAS SOLTAS

BOM BISPO E BOAS OVELHAS

Pelos primeiros annos do seculo xvi tinha Silves, no Algarve, por seu bispo a D. Fernando Continho.

Era D. Fernando de nobre estirpe, como filho de D. João da Silva, 4.º Senhor de Vagos, alcaide de Monte-mór, o Velho, Camareiro-Mór de D. João II, e de D. Branca Continho, sua

Depois puxou da caixa do rapé, tirou a sua pitada, tossiu, escarrou e perguntou á Joanna, se tambem tomava.

Joanna limpou os dedos á ponta do chale, estendeu-os depois e collocou-os em posição propria, mettendo-os na caixa do padre, e, tirando á vontade uma boa pitada de legitima reserva de mestre:

— Não imagina, começou ella, fazendo o exordio do seu discurso, por entre sorvos do rapé, de que atulhara as fossas nazaes, não imagina, repetiu, que de novidades lhe trago.

— Sim? interrogou o padre prazenteiramente. Então conta... conta!...

E por incidente n'um tom mais serio, perguntou:

— Como vae por lá de saude a D. Monica?

— Ora, como ha-de ir, cada vez mais impertinente...

— Com a sua demanda?... Interrompeu o conego sorrindo.

— Com tudo e com todos, declarou Joanna.

E abrindo muito os braços continuou:

— Eu não tenho já paciencia para a aturar.

— Pois faz mal, observou o conego, e pôde arrender-se um dia. Devemos perdoar as fraquezas do proximo.

A Joanna aqui não poude conter-se.

— Devemos, é verdade, mas, o sr. padre, nem ao menos por lá apparece, e tambem faz muito mal, porque sabe o genio da senhora, que é

## SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuação do n.º 164)

— Bem sabes que está doente a vizinha cá de baixo, e não tenho quem me faça companhia.

— Mas, era um estantinho.

A Joanna comprometteu-se a ir n'um pé, e a voltar n'outro.

— Pois então vae mas não te demores.

E foi lestantemente, contando os minutos, cheia de muitas preocupações, de muitos cuidados de espirito.

Se encontraria em casa o conego, se poderia convence-lo a tornar-se mais crêdor das sympathias de sua ama; se, enfim, elle não levaria a mal as revelações que ia fazer-lhe.

Não era grande a distancia da casa de D. Monica á casa do conego — um quarto economico alugado em uma das ruas do «bairro alto».

Joanna venceu-a sem grande canceiro, em alguns minutos, um quarto de hora talvez.

Ao chegar ao seu destino achou-se em frente de uma pequena casa no estylo do seculo passado e balendo duas pancadas repinçadas, fez-se annunciar dizendo:

— Sou eu!

Immediatamente lhe foi aberta a porta que ella fechou sobre si, de um modo violento, entrando na escada e subindo com precipitação.



prima, filha segunda de Fernão Coutinho, Senhor de Penaguão, Armamar e Fontes. De muito novo foi estudar para Florença, onde, feito um curso brilhante, tomou o cargo de doutor em direito civil e canonico.

Por 1489 chegou ao reino considerado pela sua nobreza e sciencia, e é de crer que impressionado pelas bellezas de todo o genero que a Italia patenteára á sua phantasia peninsular.

Tinha tomado ordens e por tanto logo que chegou, vagando o priorado de Guimarães, um dos melhores benefícios ecclesiasticos do paiz, foi o moço presbytero nomeado D. Prior; mas fôsse pela peste que alli grassou por esse tempo, fôsse porque D. João II quizesse aproveitar as suas luzes, conservou-se junto á pessoa do rei, até que em 1492, tendo vagado a mitra de Lamego, foi eleito bispo d'quella diocese. Não esperaram as honras por elle, e a eterna ceifeira proporcionava-lhe com pequenos intervallos meio de subir.

N'esta qualidade voltou depois á Italia na embaixada que D. Manuel enviou a Alexandre VI, na presença do qual recitou uma elegante oração latina que foi impressa em Roma.

Voltado ao Reino, foi nomeado Regedor das Justicas, cargo importantissimo, e que era sempre exercitada por pessoas da mais alta consideração.

Fallecido D. João II, continuou a desempenhar aquellas funcões e como tal prestou juramento a 7 de maio de 1499, na igreja de S. Domingos, ao principe D. Miguel, filho de D. Manuel, e de sua infeliz primeira mulher D. Isabel, e malgrado herdeiro das corôas de Portugal, Castella e Aragão.

Em 1501, foi o bispo transferido para o bispado de Silves, no Algarve, que então vagava, e adeu no exercicio de tão importante cargo *exuberantes provas de ser muito amigo do bem espirital de suas ovelhas, promovendo tudo quanto lhes podia ser util* até que falleceu por fins de 1535 ou principios de 1536.

«N'este largo espaço de trinta e cinco annos, contados desde 1501, em que o conspicio bispo . . . governou a diocese do Algarve, *esmerou-se em conservar e aperfeiçoar a pureza dos costumes dos seus diocesanos e arrear em seus corações as sementes da santa doutrina, etc.*»

Assim é julgada a sua vida por um homem insuspeito, um dos mais importantes membros do partido liberal, e que mais soffreu por elle, o chronista do captiveiro dos preses de S. Julião da Barra, auctor da Chorographia do Algarve, João Baptista de Silva Lopes, que nas suas *Memorias para a Historia ecclesiastica do Algarve*, depois de historiar a vida do illustre prelado, conclue dizendo *que a sua memoria deve*

multo desconfiada e tudo lhe faz lá dentro uma bicha de sete cabeças. Ai os meus peccados. Se a ouvisse hoje, até se benzia . . . O que disse aquella alma, nem eu quero recordar! Deus me perdõe que até me julguei em peccado mortal.

— Oh! isso é mais serio! exclamou o padre perfilando-se todo.

— Se é . . . Mas o sr. conego é que tem a culpa!

— Eu?!

Joanna confirmou a sua palavra honrada, ratificando o que dissera.

Era elle mesmo o culpado de tudo.

Então contou-lhe minuciosamente, com muitos gestos e palavras retumbantes, em como D. Monica estava agora toda virada para o tendeiro!

E porque o conego, sem mostras de grande surpresa, perguntasse quem era esse homem, Joanna referiu-lhe tudo a tal respeito, deitando a prateleira abaixo no tocante á chronica publica de Antonio Dourado.

— Já se vê, concluiu toda empespinhada, que elle anda ali ao cheiro de que a senhora lhe deixe alguma coisa.

E afirmou que eram favas contadas, que ninguem está no mundo para se perder, que os favores do mercleiro levavam agua no bico, e que a senhora estava a pontos de cair, como um patinho.

O conego sorria em ar de certa incredulidade, dizendo:

*ser tida sempre em muita veneração e respeito.*»

Era pois D. Fernando Coutinho bispo do Algarve, e depondo o cargo de regedor, ia esquecer no meio das suas ovelhas, que tanto veneravam o seu pastor, os enfados da corte.

Aí se achava nos principios de 1504, e o Sr. Rei D. Manuel estava em Lisboa, onde o bispo veio ter.

Tinha el-rei entre os seus moços da camara, um por nome Duarte de Moraes, natural do Algarve, ao que parece, e donde havia chegado poucos dias antes.

Não sei que perguntas tinha feito el-rei ao seu moço da camara, nem que resposta elle lhe havia dado; o que é certo é que no dia 22 de março, nas casas d'Alvaro da Cunha, onde el-rei pousava, mandou este chamar o seu secretario Antonio Carneiro, pegou n'um livro sagrado, chamou á sua presença Duarte de Moraes, e depois de o fazer jurar sobre os Santos Evangelhos, de dizer a verdade, ordenou a Antonio Carneiro escrevesse, o que o moço da camara dissesse.

Duarte de Moraes, referiu pouco mais ou menos o seguinte:

Que o bispo de Silves, regedor, mandara uma noite uns quantos escudeiros seus a Lagoa, apoz os quaes foi o bispo com um seu estribeiro e elle Duarte de Moraes; chegando á Lagoa, entrara o bispo para uma igreja, onde os escudeiros o estavam esperando, sahindo só com um camareiro, e ficando alli toda a mais comitiva.

Passado pouco espaço appareceram o bispo, o camareiro e uma moça acompanhada por um tio d'ella, que se chamava Vasco Longo. Cavalgou ella logo n'uma azemola, acompanhada por seu tio, e a mais comitiva, não sabendo Duarte de Moraes aonde foram pernoitar, por ter ficado na Lagoa.

Quando porem no outro dia chegou a Silves, achou todos na cidade, e soube pelos companheiros que a moça estava em casa do bispo.

Soube pelas conversas que teve que isto se fez assim com prazer da moça, de seus pae e mãe, e ouviu até o tio dizer que não sabia para que o bispo se havia incommodado, pois elle mesmo lha levaria a Silves. Que boas pessoas eram este Vasco Longo e seus dignos irmãos e cunhados, Fernão Gonçalves e sua mulher, paes d'aquella pobre rapariga!

Ora Duarte de Moraes referiu ainda que a joven ovelha estava contractada para casar com um rapaz, que vinha até ficar a casa d'ella, mas que o pae e o tio d'alli o expulsaram fazendo-lhe levar o fato e não o quizeram mais lá.

Podera! não resultava mais gloria e pro-

— Duvido. . .

— Pois veremos, *neja* que eu negue a sua palavra honrada, mas olhe que a senhora é capaz de fazer novo testamento, e então, adeus legado, adeus esperanças de melhor velhice.

O conego respondeu de um modo natural, inculcando grande despreendimento das mundanas riquezas:

— Socegue, Joanna, olhe que nunca faltou casa a vivos nem sepultura a mortos.

— Eu sei, sr. conego, talvez commigo não succeda o mesmo, porque eu sou uma mulher muito infeliz.

— Não diga tal, infeliz são os que andam fóra da graça de Deus.

Joanna suspirou com grande sentimento, e disse:

— Ah! sr. conego, eu é que não acho graça nenhuma a isto.

Depois, sempre em tom de lastima, queixando-se muito, arrastando as palavras, dividindo-as ás vezes com grandes pausas, foi contando em como servia aquella senhora desde creança, e lhe aturava muito do genio, que era violento e importuno, a ponto de lhe esgotar a paciência, de lhe fazer crear sangue de Bugio.

Ella estava vestidinha e calçada no reino dos céus, em razão da constancia com que supportava a sua cruz.

Coitada!

veito á casa da rapariga ser bispa? Abençoadas creaturas! Fraqueza do bom prelado? ou seria assim que elle promovia tudo quanto podia ser util ás suas ovelhas, como diz Silva Lopes?

Mas o bom prelado, segundo disse ainda Duarte de Moraes, tinha tido do mesmo lugar da Lagoa, outra joven ovelha, tambem a aprazimento de seu pae e de sua mãe, da qual o santo prelado houvera uma cordeirinha!

Pelo que se vê o lugar da Lagoa era uma especie de Circassia, cujas bellezas attrahiam as vistas do virtuoso prelado, e tanto havia elle arraigado entre as suas ovelhas a semente da boa doutrina, que os resultados eram aos pares.

Quando o prelado veio para Lisboa, depois de ter communicado toda a sua espiritualidade á nova pupilla, foi deposital-a em casa dos seus virtuosos paes, porque até ahí, para poder entregar-se melhor á contemplação da natureza, a tinha, confiada á guarda de seu tio, em uma quinta que o prelado havia na serra.

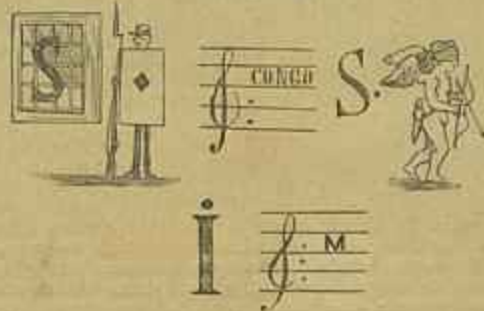
O bom prelado faz as boas ovelhas, e é possivel que estas jovens depois de cathequizadas por sua senhoria, achassem marido mais facilmente, como succede em algumas partes da Tunizia, e succedia na Lapônia.

O que nós não sabemos é a cara que o bispo fez quando D. Manuel lhe perguntou por o caso, porque já se vê que o monarcha não mandou lavar o termo para o legar á posteridade, mas sim para tomar contas ao Regedor da Justiça e ao prelado, de como administrava aquella e cultivava a religião na sua diocese.

Quem quizer lèr o papel, sem gastar mais nada, procure na Torre do Tombo *Corp. Chron. Part. 2.ª* maç. 8. *Doc. 114.*

JACINTHO PERES.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Para parte de fevereiro guarda lenha e dinheiro.

D. Monica só lhe dava o bocadinho do comer, e algum vestuario de que ella deixava, uns trapos de que não fazia caso.

O conego ouvia-a com attenção paternal, mostrando-se condoído, dizendo-lhe a espaços:

— Offereça a Deus esses sacrificios!

Ou então:

— Todos têm a sua cruz!

Joanna havia sido toda a sua vida uma mourinha de trabalho. Não imaginava o sr. conego quanto ella havia soffrido com a doença do marido da senhora, uma doença de tres annos, em que pôde contar as noites de ir á cama. Nem sabe como resistiu. D'ahi, ao cabo de tudo, quando elle morreu, D. Monica gratificou-a, dando-lhe um casaco velho do marido, para ella fazer uma coisa em que se abafasse, porque andava ali a tiritar de frio, e não tinha sequer um trapo velho em que se embrulhasse!

E mostrava-se indignada ao dizer isto, soltando exclamações, fazendo gestos violentos.

Não havia infortunio igual ao seu.

Agora o que lhe restava era que a ama fizesse outro testamento que annullasse aquelle feito ao sr. conego, em que ella estava contemplada.

Este ponto quasi que deixou sua reverendissima commovido.

(Continua)

LRITE BASTOS.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

REVISTA D'ETHNOLOGIA E DE GLOTTOLOGIA — Estudos e notas por F. Adolpho Coelho, professor de sciencia de linguagem no curso superior de letras... Lisboa, Typographia Universal, rua dos Calafates, 1880-1881. — Estão publicados os 1.º, 2.º e 3.º fascículos d'esta revista, que por circunstancias não pôde seguir um periodo regular de impressão. O título d'esta publicação deixa bem reconhecer qual a sua importancia, sabendo-se que a ethnologia e glottologia são dois poderosos auxiliares da historia. Não podemos, no espaço de que dispomos, dar um resumo e critica larga dos trabalhos que encontram estes fascículos, e por isso mencionaremos apenas alguns dos principaes. Abre o primeiro pelo esboço de um programma de estudos de ethnologia peninsular, no qual se indicam as questões principaes da ethnologia

colas, cossas, ceramicas, vestuario; estudo dos caracteres do espirito peninsular etc. Estas investigações, que envolvem um grupo innumeravel de observações, dão a idéa da importancia d'este ramo de conhecimentos, do mais alto auxilio para a historia, e que só pôde ser dirigido paciente, methodica e demoradamente, para dos factos observados se colherem os legitimos resultados, e não nos vermos abarbadados de theorias, leis e conclusões absurdas, impossiveis ou inexactas, como por ahí avultam, entre os que gostam de vencer obra rapidamente, com pouco trabalho. Seguem-se uns apontamentos para o estudo das festas, crenças e costumes populares portuguezes, colligidos da tradição oral, das observações locais e de muitas noticias dos nossos escriptores e ensaios de onomatologia, cude principalmente se estuda o nome *Citania*, sobre que tanto tem variado os sabios. No segundo e terceiro fascículos continuam-se os materiaes para o estudo das festas, crenças populares, etc., e começa-se um lindissimo estudo para a historia dos contos tradicionais, começando pelo *Conto do justo juiz*. Este ramo, como o auctor, o sr. Adolpho Coelho diz, é talvez o mais po-

des historicos, á genealogia dos seus habitadores, ás biographias dos varões notaveis, á descripção physica e topographica do seu perimetro e arredores, noticias dos seus usos, costumes, linguagem, etc.; são elementos trazidos para o grande cadinho da laboração moderna, que, embora pouco a pouco, vão completando e enchendo a grande lacuna que os nossos maiores deixaram n'esse ramo. Não diremos que as MEMORIAS DA VILLA DE OLIVEIRA venham completar essa lacuna, não dão até, por esse lado grandes novidades, mas notam-es já, nas suas paginas a influencia das idéas e estudos modernos, no estudo dos terrenos, na descripção dos habitats agricolas, nas indicações das variantes linguisticas que apresenta a glottica local, e se isto não é tudo, ou não é muito, é já um pequeno obolo e um passo importante, que, dado por pessoa tão altamente collocada, incitará os novos investigadores a alargar e profundar tão rico terreno. Para trabalhos de investigação historica temos sempre as melhores disposições e recebemol-os com verdadeiro prazer.

BIBLIOGRAPHIA DE PORTUGAL E BRAZIL, jornal das 16



TENDA-AMBULANCIA, EXISTENTE NO HOSPITAL ESTEPHANIA (Segundo uma photographia de Rechin)

da península, que se devem reduzir a saber quaes os povos que habitaram a península Iberica desde os tempos mais remotos, e os elementos que trouxeram para a sua civilisação e genio nacional, quass tiveram d'entre elles preponderancia quer sob o ponto de vista physico, quer moral e intellectual, e as relações que ha entre os povos modernos e antigos da península sob esse ponto de vista; até que ponto, o meio considerado sob todos os seus aspectos, tem influido n'esses povos, qual a capacidade dos povos peninsulares sob o ponto de vista do progresso e quans as correntes da civilisação qua, desde a mais alta antiguidade, vieram actuar sob elles e os caracteres geraes das modificações que estes imprimiram aos productos das civilisações estrangeiras. D'aqui se derivam um sem numero de investigações sobre os vestigios das povoações quer pelos restos humanos, monumentos artisticos de toda a especie, quer sobre as linguas faladas com maior ou menor extensaõ, quer sobre os costumes, festas, superstições, industrias, arte e litteratura popular, entrando a navegação, pesca, usos agri-

bro da litteratura portugueza, porque apenas tivemos um collector, Gonçalo Fernandes Trancoso, mas esse mesmo socantão e falta de criterio, hoje porém valiosissimo, e o seu estudo critico e comparado conta apenas tres ou quatro cultores na Europa, incluindo o nosso professor. Os escriptores estrangeiros, que trataram d'este conto, não conheceram todas as suas versões, e o nosso philologo reunindo-as todas, dissecando-as, comparando-as faz um estudo severo, valente e original, unico no seu genero em Portugal, e que já mereceu os gabios do competentissimo sr. Gastão Paris. Desejaremos que o favor publico não faça esmorecer tão importante e util commettimento.

MEMORIAS DA VILLA DE OLIVEIRA E DO SEU CONCELHO, pelo bispo d'Angra, D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, natural da mesma villa — Angra do Heroismo, typographia da Virgem Immaculada 1881, outubro de XVI—358 paginas, com o retrato do auctor gravado por Alberto. São sempre preciosos estes estudos e memorias das diversas localidades, quando reúnem aos factos gran-

varias — editores Maximiano e Azevedo. Temos recebido os 1.º, 3.º, e 4.º numeros d'esta publicação, da qual o primeiro saiu no 1.º do outubro. Um jornal bibliographico é muito util, porque desde o fallecimento de Innocencio F. da Silva, a bibliographia portugueza ficou sem ter quem a cultivasse com amor, paciencia e perseverança, e com quanto esta publicação não queira seguir os vestigios d'aquelle illustro bibliographo, é certo que, ainda na parte que se refere aos dias de hoje, pôde prestar muito bom serviço.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA

6, Rua do Tesouro Velho, 6

## ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE

PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Já está á venda este almanach, completa novidade.

O Almanach Illustrado do Occidente é um elegante livro de 80 paginas em grande formato e magnifico papel assetinado, adornado de mais de 50 gravuras de monumentos de Portugal, paisagens do paiz, quadros e esculpturas de artistas portuguezes, vistas de Africa e raças africanas estudadas pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens, com os retratos dos referidos exploradores, retratos dos escriptores Oliveira Martins e Eça de Queiroz, secção de necrologia com os retratos de Duque d'Avila e de Bolama, Barão de Japurá, Marquez de Fronteira, Sá Noronha, Guilherme Gossoil e Osorio de Vasconcellos.

Este almanach além de uma desenvolvida parte litteraria, contém calendario completo e illustrado, tabellas dos carris de ferro de Lisboa, dos caminhos de ferro portuguezes, preços de assignaturas de jornaes que se publicam em Portugal, lei do sello, correios e telegraphos, floricultura e horticultura e annuncios illustrados de estabelecimentos importantes.

Uma secção de charadas e um enigma pittoresco com premio para quem o advinhar.

Um elegante frontespicio original de M. de Macedo e uma esplendida capa em chromo-lithographia, original de A. Ramalho, representando uma festa infantil.

Preço, em Lisboa, 240 réis

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á Empresa do Occidente, rua do Loreto, 43 — Lisboa.